Universidade de São Paulo

“Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Sociedade, Cultura e Natureza

Docente Paulo Moruzzi

Resenha T5 “*A realidade da cultura*” de Regis de Moraes

Elaborada por Katellyn Tomas, com contribuições dos grupos e do professor

Em sua obra, Regis de Morais lembra que a cultura, constituída de costumes e tradições, é transmitida como herança cultural de uma geração à outra. Porém, a cultura não é necessariamente mantida, podendo ser transformada ou melhorada.

Toda herança cultural foi, portanto, passada dos criadores aos sucessores. Por esta razão, Regis de Morais menciona que “o homem é pai das suas obras e, ao mesmo tempo, é filho delas’’. A partir deste ponto de vista, a cultura é considerada como uma dialética entre liberdade e condicionamento. De acordo com Kluckhohn (1963), o conceito de herança cultura permite tratar dos seguintes pontos:

I. O poder organizacional da cultura;
II. A capacidade da humanidade de acumular conhecimentos;
III. A promoção da previsibilidade, dentro de alguns limites, quanto ao que esperamos dos outros e quanto ao que as pessoas podem esperar de nós.

Portanto, a cultura de nosso grupo de pertencimento constitui a lente pela qual vemos o mundo e interpretamos as situações. Como foi visto na obra sobre o processo civilizador, de Norbert Elias (1994 e 1995), cultura é uma complexa rede de signos densos de significados.

Há diversas formulações sobre cultura ao longo da história da humanidade. John Thompson (2000) propõe que o conceito clássico, anterior às concepções antropológicas de cultura, está associado à erudição. Já os conceitos antropológicos apontam para a ideia segundo a qual todas as sociedades têm cultura, vista assim como um conjunto de costumes, práticas e crenças típicas de um povo. Assim, o sentido antropológico da cultura é associado à “forma própria de um povo viver”, cada povo tendo sua cultura. Em 1871, Edward B. Tylor elaborou aquele que muitos consideram o primeiro conceito científico de cultura: “cultura ou civilização, tomado em seu sentido etnográfico lato, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Com um horizonte bem abrangente, John Thompson identifica três concepções antropológicas de cultura. Em primeiro lugar, a concepção antropológica descritiva de cultura abarca notadamente a corrente evolucionista, concebendo

que determinadas culturas sejam superiores a outras. Nesta linha, a cultura permite estabelecer uma unidade entre os seres humanos, ao mesmo tempo em que as civilizações são classificadas em três níveis de estágios de "evolução": selvagem, bárbaro e civilizado (SILVA JUNIOR). A concepção de cultura no funcionalismo também se inscreveria em perspectiva descritiva.

Em segundo lugar, a concepção antropológica simbólica de cultura salienta os símbolos que expressam as experiências, concepções e crenças. Para Geertz (1989 apud LOPES, 2014), a compreensão de cultura nesta abordagem passa por teias de significados tecidas pelos seres humanos. Nessa concepção, a cultura é "o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos se comunicam entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças" (THOMPSON, 2000). De acordo com Thompson, o principal problema dessa concepção é que uma pouca atenção as relações de poder e aos contextos sociais dentro dos quais os fenômenos culturais estão envolvidos. A fim de superar tal problema, Thompson formula o que chama de concepção estrutural da cultura, que é definida pelo estudo das formas simbólicas, levando em conta os processos históricos e a estrutura da formação social nos quais os símbolos são produzidos, transmitidos e recebidos (THOMPSON, 2000). Talvez pelo fato da cultura ser algo inerente e integral à nossa vida, podendo considerada como uma "segunda natureza", só é notada se houver um forte choque de contraste sociocultural. De toda maneira, já em 1798, o filósofo alemão Immanuel Kant alertava para a necessidade de uma "ciência do homem" (uma antropologia). Em notável antecipação do que viria no século seguinte, Kant propôs dois ramos antropológicos: de um lado, aquele que estudasse o que a natureza fez do homem e, de outro lado, o que o homem fez de si mesmo.

Muniz de Resende considera que a filosofia da cultura abandona a possibilidade de reduzir a reflexão sobre o conceito às produções culturais e eventuais instituições que as promovam, assumindo uma proposta muito mais abrangente de se constituir numa reflexão sobre a forma própria de um povo viver. Assim, importa mais refletir sobre como os homens lidam com seus aplausos e seus repúdios e como vivem as sanções e os interditos.

A etnologia contemporânea insiste sobre a ideia segundo a qual "o homem é um ser originalmente desdotado de especialização genética para a vida social. Todavia, o que lhe falta em especialização genética, está compensado em inteligência e criatividade. A vida sociocultural humana escapa à repetitividade fatal dos outros animais societários – os não-pensantes". Podemos propor aqui que o ser humano carrega em seus genes as capacidades de aprender e de se comunicar, o que lhe permitirá incorporar sua herança cultural (linguagem, sistema de crenças, moral e padrão alimentar). Os processos de aprendizagem de cultura por via notadamente da socialização primária nos distinguem das demais espécies, o que nos afasta, por exemplo, do determinismo biológico nos insetos sociais. Nestes casos, a herança genética é determinante para o papel desempenhado pelo indivíduo em sua comunidade, o que é

absolutamente distante da capacidade humana de transformação de seu grupo e de seu meio. Nesse sentido, somos dotados geneticamente para capacidades de aprender e comunicar, o que nos torna capazes de interiorizar o acúmulo de conhecimento de gerações passadas, base a partir da qual podemos criativamente transformar o mundo[1].

A criação de uma realidade assim complexa, que seria a cultura, provém de necessidades profundas do homem enquanto homem. De fato, o homem cria cultura, primeiro, porque tem necessidades de sobrevivência. Depois, porque descobre as possibilidades de ultrapassar os escravizantes limites da necessidade. Aqui, podemos considerar então a ideia de "plenamente humano" que, segundo o autor, seria o desenvolvimento de um máximo de sua capacidade criativa, o que permite remodelar sua cultura.

Referências Bibliográficas

ELIAS, Norbert (1994), O processo civilizador. Formação do Estado e civilização, volume 2, São Paulo: Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert (1995), O processo civilizador. Uma história dos costumes, volume 1, São Paulo: Jorge Zahar.

LINTON, Ralph (1967), *Cultura e personalidade*, São Paulo: Ed. Mestre Jou (Trad. De Oscar Mendes).

LOPES, Felipe Tavares Paes (2014). Ideologia e cultura na obra de John B. Thompson. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 14, n. 158, p. 18-28..

KLUCKHOHN, Clyde (1963), *Antropologia: um espelho para o homem*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

PASSADOR, L. H. (2003), “O campo da antropologia”, in *Antropos e psique* – o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho d´Água.

REZENDE, A. Muniz de (1975), “La Culture”, in Acta duXVè. Congrès des Societés de Philosophie de Langue Française, Reims: Ed. Vander-Nauwelaerts.

SILVA Jr (sem data), Caminhos para a diversidade: a antropologia.

THOMPSON, J. (2000), *Ideologia e cultura moderna*: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.

[1] Quando a diversidade cultural passa a ser explicada apenas pelas características biológicas de seus indivíduos, entramos no perigoso terreno do racismo científico. “O darwinismo social predominou durante o século XIX e início do XX, sendo a raiz do racismo científico e dos estudos de evolução cultural. (...) Nesse contexto, raça surgiu como categoria científica para explicar as diversidades. A civilização ocidental, caucasiana, vitoriosa no processo de colonização e ungida pelos benefícios tecnológicos e econômicos gerados pela Revolução Industrial, passou a ver-se como o mais alto grau de evolução humana (...)” (PASSADOR, 2003).